

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO



Revista de Pesquisa:  
**CUIDADO É FUNDAMENTAL Online**  
 ISSN 2175-5361



Ministério da Educação

## PESQUISA

## THE PERCEPTION OF NURSING STUDENTS CARE ABOUT THE CUSTOMERS TRANSEXUALS

A PERCEÇÃO DOS GRADUANDOS DE ENFERMAGEM A CERCA DO CUIDAR A CLIENTES TRANSEXUAIS

LA PERCEPCIÓN DE LOS ESTUDIANTES DE ENFERMERÍA SOBRE LOS CUIDADOS A LOS CLIENTES TRANSEXUALES

Carolina Pimentel Machado<sup>1</sup>, Cristiane Maria Amorim Costa<sup>2</sup>, Elizabeth Rose Costa Martins<sup>3</sup>,  
 Marcio Tadeu Ribeiro Francisco<sup>4</sup>, Araci Carmem Clos<sup>5</sup>, Thelma Spindola<sup>6</sup>

## ABSTRACT

**Objective:** To describe the perception of nursing students toward caring for transgender clients and discuss the perceptions of undergraduate nursing education to subsidize a human rights culture based on ethical and scientific concepts of transsexualism. **Methods:** This was a descriptive study with qualitative approach, approved by the Ethics Committee under No. 250/10, against the backdrop of a private university in the city of Rio de Janeiro. The subjects were undergraduate students of the nursing program who entered the last period of the internship, used the focus group technique. **Results:** We found two categories ignorance with regard to the concept of transsexuality terminology and ignorance of how to care for this clientele. **Conclusion:** It is to this study the importance of the inclusion of emerging issues in the academic curriculum. **Descriptors:** Care, Nursing, Humanization, Transsexuality.

## RESUMO

**Objetivo:** Descrever a percepção dos graduandos de enfermagem voltados para os cuidados aos clientes transexuais e discutir a percepção do graduando de enfermagem para subsidiar uma cultura de direitos humanos baseados em conceitos científicos e éticos de transexualidade. **Métodos:** Tratou-se de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, aprovado pelo comitê de ética sob o nº 250/10, tendo como cenário uma Universidade privada do município do Rio de Janeiro. Os Sujeitos foram alunos de graduação do curso de enfermagem que ingressaram no último período do internato, quando se utilizou a técnica de grupo focal. **Resultados:** Foram encontradas 2 categorias, o desconhecimento no que diz respeito ao conceito da terminologia transexualidade e o desconhecimento de como cuidar dessa clientela. **Conclusão:** Verificou-se com esse estudo a necessidade da inserção de temas emergentes na grade curricular acadêmica. **Descritores:** Cuidar, Enfermagem, Humanização, Transexualidade.

## RESUMEN

**Objetivo:** Describir la percepción de los estudiantes de enfermería hacia el cuidado de los clientes transgénero y analizar las percepciones de la educación de pregrado en enfermería para subsidiar a una cultura de derechos humanos basado en los conceptos éticos y científicos de la transexualidad. **Métodos:** Se realizó un estudio descriptivo con enfoque cualitativo, aprobado por el Comité de Ética bajo el N ° 250/10, en el contexto de una universidad privada en la ciudad de Río de Janeiro. Los sujetos fueron estudiantes de pregrado del programa de enfermería que entró en el último período de la pasantía, que se utiliza la técnica de grupos focales. **Resultados:** se encontraron dos categorías, ignorancia con respecto al concepto de la terminología de la transexualidad y la ignorancia de cómo cuidar a su clientela. **Conclusión:** Es en este estudio la importancia de la inclusión de temas emergentes en el currículum académico. **Descriptor:** Cuidado, enfermería, Humanización y Transexualidad.

<sup>1</sup>Aluna de graduação em Enfermagem da Universidade Veiga de Almeida. carolina\_enfermagem@hotmail.com. <sup>2</sup> Mestre em Enfermagem pela Escola de Enfermagem Anna Nery da UFRJ; Professora Assistente da Faculdade de Enfermagem UERJ e Curso de Graduação em Enfermagem da UVA. cristiane.costa@ig.com.br. <sup>3</sup> Professora Doutora Adjunta da Faculdade de Enfermagem UERJ e Curso de Graduação em Enfermagem da UVA. Brasil. E-mail: oigresrose@uol.com.br. <sup>4</sup> Professor Doutor Associado da Faculdade de Enfermagem UERJ e Coordenador do Curso de Graduação em Enfermagem da UVA. E-mail: mtadeu@uva.br. <sup>5</sup> Doutora em Enfermagem. Professora Adjunta da Faculdade de Enfermagem da UERJ; Enfermeira Obstétrica do Hospital Universitário Gaffrée e Guinle/UNIRIO. <sup>6</sup> Enfermeira. Mestre em Filosofia. Professora Assistente da Faculdade de Enfermagem da UERJ e Curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Veiga de Almeida.

## INTRODUÇÃO

Na atualidade, várias nomenclaturas aparecem para designar as pessoas que se opõem as regras pré-estabelecidas de sexo feminino e masculino. Ouvíamos falar muito de travestis e homossexuais e bissexuais, e após algum tempo começamos a ouvir termos como transexuais, intersexuais, trangêneros. A origem da palavra transexualidade vem do latim *trans* e *sexualis*. Na língua francesa apareceu em 1956. O vocábulo dá a noção de passagem de um sexo a outro, mas designa um estado psíquico, pois é sobre o plano psíquico que buscam a adequação sexual<sup>1</sup>. Ao pensar em transexualismo, não se pode esquecer que se trata de um assunto delicado, onde tem que vir a lembrança os direitos universais que todo cidadão tem, principalmente se considerarmos que como o transexual apresenta uma inadaptação do sexo anatômico ao sexo psíquico, ou seja, ele possui um sexo biológico, mas se sente como uma pessoa do sexo oposto<sup>2</sup>. O transexual se difere do homossexual porque o segundo tem o seu desejo voltado ao mesmo sexo que o dele se aceitando como pessoa nascida com aquele sexo biológico e o primeiro tem a mesma vontade do homossexual, mas ele se enxerga como uma pessoa do sexo oposto<sup>3</sup>.

A transexualidade não é uma experiência identitária a histórica, ao contrário, revela com toda dor e dramaticidade os limites de uma ordem de gênero que se fundamenta na diferença sexual. Quando se retira o conteúdo histórico dessa experiência, apaga-se as estratégias de poder articuladas para determinar que a verdade última dos sujeitos está no seu sexo. A transexualidade é uma das múltiplas expressões identitária que emergiram como uma resposta inevitável a um sistema que organiza a vida social fundamentada na produção de sujeitos “normais/anormais” e que localiza a

verdade das identidades em estruturas corporais<sup>4:20</sup>.

Portanto, o transexual não teria nada que o “desabonasse”. Não é um promíscuo, mas uma pessoa que nasceu em corpo errado. Não é alguém que faz do exercício da sexualidade algo “pecaminoso”, mas uma pessoa que busca realizar sua “alma”<sup>5</sup>.

A partir de 1997, através da resolução do Conselho Federal de Medicina, ficou autorizada a realização de adequação sexual pra os transexuais, seja do fenótipo feminino para masculino ou vice-versa, emergindo então, uma clientela diferenciada e desconhecida para ser cuidada por nós, estudantes de enfermagem, seja nos campos de estágios, seja depois de completada a graduação, como enfermeiros. Esta resolução considera que tal cirurgia tem como motivo essencial uma “intenção de beneficência”, baseada em dois princípios: o primeiro deles terapêutico, ou seja, “a busca da integração entre o corpo e a identidade sexual psíquica do interessado”; e o segundo refere-se aos princípios de autonomia e justiça, que são os princípios do Sistema Único de Saúde<sup>6</sup>.

Em 2002, a Resolução 1652 do CFM revogou a anterior, tornando as cirurgias para adequação do fenótipo masculino para feminino liberadas para serem praticadas em hospitais públicos ou privados, independentemente da atividade de pesquisa<sup>7</sup>. No caso da neofaloplastia e/ou procedimentos complementares, a realização se manteve condicionada à prática em hospitais universitários ou públicos adequados para a pesquisa, mantendo-se o cunho experimental. Em diversos países a cirurgia para adequação do sexo é legalizada, como Alemanha, Brasil, Canadá, China, Estados Unidos, Itália, França, Noruega, Rússia, Turquia, Marrocos, Dinamarca e Espanha<sup>8</sup>. A cirurgia, então, tem como objetivo a implementação da masculinidade ou feminilidade

interna, ou seja, apenas as pessoas que se sentem em um corpo trocado podem se submeter à cirurgia de adequação sexual e, a partir desta, iniciar um procedimento de comunicação com o direito para que este reconheça a realidade, autorizando, em um segundo momento, a mudança do Registro Civil para que passe a constar a adequação<sup>5</sup>. A cirurgia de adequação sexual é um processo difícil, mas com o avanço da medicina e com o avanço da terapia hormonal essa adequação sexual acabou por tornar-se real<sup>9</sup>.

Associado a resolução de 2002, em 2008, a portaria ministerial do processo transexualizador reforça a importância de capacitação dos profissionais de saúde, para atendimento dessa clientela, além de estimular pesquisas voltadas, a fim de subsidiar as ações a serem desenvolvidas com os mesmos<sup>2</sup>.

Em estudo intitulado o Discurso como evidência de assistência prestada aos sujeitos do processo de adequação sexual, ressalta que a enfermagem de Urologia, uma das unidades de referência, apresenta um acolhimento satisfatório, não havendo nenhum tipo de discriminação a essa clientela, apontando como justificativa a capacitação prévia da equipe, após uma reflexão ética sobre o tema transexualidade. Mas, ressalta que não apenas uma unidade, mas todo o sistema de saúde de se adaptar a essa nova realidade<sup>10</sup>.

No que se refere ao trabalho da enfermeira para o alcance dos objetivos do processo transexualizador, as autoras ressaltam as ações de acordo com os pilares do processo transexualizador: I - A integralidade da atenção - a enfermeira realiza um levantamento de problemas de saúde, na internação da cliente, para iniciar o processo de educação em saúde baseado em mudanças de hábitos prejudiciais de saúde, história desde a sua definição como transexual, relação com parceiros e família,

expectativa e conhecimentos prévios em relação ao processo cirúrgico e relação com o trabalho. II - A humanização da atenção - A enfermeira, por ser responsável pela equipe que permanece lado a lado com a cliente tem um papel fundamental no desenvolvimento de estratégias que sensibilizem os funcionários de suas responsabilidades junto a essa clientela além das questões éticas envolvidas. III - a fomentação, a coordenação e a execução de projetos que visem ao estudo do processo transexualizador - por se tratar de uma demanda emergente e pouco conhecida, a realização de pesquisas referentes ao tema são fundamentais para o atendimento dessa clientela considerando a função de buscar subsídios para a construção de um cuidar de qualidade, retroalimentar as ações de enfermagem e avaliar a assistência prestada. IV - a capacitação, a manutenção e a educação permanente das equipes de saúde - A educação com um dos três pilares da enfermagem enquanto profissão (assistência - ensino - pesquisa) é alvo permanente da enfermeira, como foi citado, no sentido de capacitação da equipe. Os autores ressaltam a “ausência de conhecimentos sobre a temática e de como cuidar dessa clientela, e torna-se necessário a discussão de casos assim como a colaboração para a construção do conhecimento de temas emergentes como o tratado nesse estudo”<sup>11</sup>. Passou então a ser imperativo o entendimento desses conceitos para definição e reconhecimento de problemas de enfermagem, para desenvolvimento de nossas ações a esses clientes.

Com vistas à problemática apresentada, o objeto de estudo é o conhecimento dos alunos de graduação acerca do cuidar em enfermagem a clientes transexuais, traçando-se como questão norteadora: Os alunos da graduação estão aptos a cuidar de clientes transexuais?

Considerando a questão norteadora, visando elucidar o objeto de estudo derivaram-se

como objetivos: descrever a percepção dos graduandos de enfermagem voltados para, o cuidar aos clientes transexuais e discutir a percepção do graduando de enfermagem que subsidiará a educação para uma cultura de direitos humanos baseados em conceitos científicos e éticos de transexualidade.

## METODOLOGIA

Tratou-se de um estudo com abordagem qualitativa. A abordagem qualitativa busca a compreensão e a explicação da dinâmica das relações sociais<sup>12</sup>. A pesquisa qualitativa busca a profundidade, trabalhando com valores, crenças e opiniões onde todas as variáveis são importantes.

O cenário do estudo foi uma Universidade privada, situada no Município do Rio de Janeiro.

Obedecendo a Resolução 196/1996<sup>13</sup>, que trata de pesquisa em seres humanos, foi enviado ao Comitê de Ética em pesquisa da Universidade Veiga de Almeida, o projeto para apreciação obtendo parecer favorável, de número 250/10. Os Sujeitos foram os alunos de graduação do curso de enfermagem que ingressaram no último período do internato. Foi facultada a participação, garantido seu anonimato, utilizando-se nomes fictícios. Os sujeitos, após aceitarem participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, recebendo uma cópia do mesmo.

Para a coleta dos depoimentos foi utilizada a técnica de grupo focal. Este constitui uma técnica de pesquisa ou de avaliação qualitativa, não diretiva, que coleta dados por meio das interações grupais, com pessoas que apresentam o objeto de estudo para se discutir um tópico sugerido pelo pesquisador. Sua principal característica reside no fato de trabalhar com a reflexão expressa através dos depoimentos dos participantes, valorizando suas falas e permitindo que eles apresentem simultaneamente, seus

conceitos, impressões e concepções sobre determinado tema<sup>14</sup>.

A coleta de depoimentos deu-se a partir de um roteiro previamente elaborado para atender aos objetivos do estudo.

A coleta de dados foi realizada nas dependências da Instituição, em ambiente reservado, formando-se 4 grupos com 08 graduandos, previamente convidados totalizando 32 graduandos. Toda a realização do grupo foi gravada em mp3 e depois transcrita pela autora para posterior análise do material. O período de realização dos grupos foi de fevereiro a junho de 2010, em horário e espaço previamente determinado. Após a realização do grupo focal, os graduandos participaram de uma palestra, que versou sobre o cuidar a clientes transexuais submetidos à cirurgia de adequação sexual.

No que se refere à análise dos dados, para aproximação necessária entre os dados empíricos e os objetivos deste estudo, o caminho escolhido foi o da Análise de Conteúdo.

A análise de conteúdo é definida como um conjunto de técnicas de análise de comunicação, visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição das mensagens indicadores, quantitativos ou não, que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/ recepção destas mensagens<sup>15:42</sup>.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS DADOS

A análise de conteúdo das informações prestadas durante as entrevistas pelos graduandos permitiu a elaboração das seguintes categorias: o desconhecimento no que diz respeito ao conceito da terminologia transexualidade - *o que é transexualidade?* e o desconhecimento sobre o *cuidar a clientes transexuais*.

**O que é transexualidade?**

Os depoimentos indicam que existe um desconhecimento em relação a definição de transexualidade, onde fica evidenciado a confusão do ser transexual com ser homossexual:

*...ele nasceu homem mas ele não se aceita como homem, ele gostaria de ser mulher na verdade ele se torna transexual quando ele se torna mulher, quando ele muda de sexo ele deixa de ser homossexual...(depoente 1)*

Outros depoimentos demonstram a dificuldade de diferenciação do ser transexual com o ser travesti:

*Eu acredito que o transexual é aquela pessoa que se transverte, gosta de se vestir com roupas do sexo oposto e não está feliz com o sexo anatômico que possui. (depoente 5)*

Há depoimentos que se aproximam da definição, mas restringem a questão transexualidade ao mérito anatômico:

*Transexualidade em minha opinião acontece quando a pessoa não está satisfeita com o sexo anatômico que possui que chega ao ponto de querer mudar anatomicamente de sexo. (depoente 11)*

Evidencia-se, dessa maneira, que existe uma grande confusão em relação às terminologias como homossexual, bissexual, transexual, hermafrodita e travesti. Um pequeno grupo de alunos conseguiu identificar superficialmente a definição de transexualidade, mais ainda sem segurança procurando uma afirmação sobre o que estava definindo.

Para que exista um cuidar de Enfermagem integral a essa clientela é necessária que se conheça esse indivíduo, suas necessidades e vivências. A definição da terminologia de transexualidade torna-se importante à medida que nos fornece dados sobre esse indivíduo, e subsidiará a prescrição de cuidados a essa clientela e o estabelecimento de prioridades a essas condutas.

#### **O cuidar de enfermagem a clientes transexuais**

**Percebe-se nos depoimentos um**

desconhecimento sobre o cuidar de enfermagem a clientes transexuais submetidos à cirurgia,

*Em relação à parte assistencial de enfermagem, não sei ao certo como temos que agir. (Depoente 21)*

A portaria 1707/ 2008, que trata do processo transexualizador, tem como um dos seus pilares a educação e capacitação da equipe.<sup>2</sup> Entretanto, o que se percebe é que a academia, à princípio, não está preparando os futuros profissionais para atenderem essa clientela, evidenciado pelo desconhecimento dos alunos de enfermagem no tocante ao cuidado de enfermagem a essa clientela. Tal desconhecimento pode ser ocasionado pelo número reduzido de centros de referências no país, que totalizam o número de quatro, a saber: Hospital de Clínicas de Porto Alegre - Universidade Federal do Rio Grande do Sul Porto Alegre/RS, Universidade Estadual do Rio de Janeiro - HUPE Hospital Universitário Pedro Ernesto-Rio de Janeiro/RJ, Fundação Faculdade de Medicina HCFMUSP Inst. de Psiquiatria Fundação Faculdade de Medicina MECMPAS - São Paulo/SP e Hospital das Clínicas - Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás - Goiânia/GO, o que diminui as chances de vivência prática dessa realidade<sup>16</sup>. Outra hipótese seria a formatação curricular que não prevê disciplinas que incorporem novas discussões e temas emergentes, que possibilitariam a capacitação dos alunos. A incipiência / inexistência do tema transexualismo nos currículos das faculdades das áreas médicas e de enfermagem pode resultar na inabilidade desses profissionais rumo ao enfrentamentos de questões sociais emergente<sup>17</sup>.

Entretanto, apesar do reconhecimento do desconhecimento sobre a definição de transexualidade e do cuidar a essa clientela; os depoimentos demonstraram o embasamento nos códigos de ética e de deontologia, na tentativa de

nortear esse cuidar de enfermagem, como pode ser verificado nos depoimentos a seguir:

*Teria que ver dentro da lei, como a gente tem que agir. (Depoente 3)*

O Código de Ética dos Profissionais de enfermagem aponta, dentre as responsabilidades e deveres do enfermeiro: prestar assistência de enfermagem sem discriminação de qualquer natureza, respeitando, reconhecendo e realizando ações que garantam o direito da de tomar decisão sobre sua saúde, tratamento, conforto e bem-estar e respeitar o pudor, a privacidade e a intimidade do ser humano em todo seu ciclo vital<sup>18</sup>. Mas será que é somente dentro do que está escrito no código de ética que temos que nos basear? E a nossa moral? Os alunos elencaram alguns princípios éticos norteadores no cuidado de enfermagem a essa clientela, como igualdade e respeito, verificados nos depoimentos:

*...esse paciente tem que ser respeitado e todos os outros. O que tem que haver é uma conversa sobre esse caso, amadurecer a questão. (Depoente 6)*

*Entra o profissionalismo não é. Não tem que ter diferença pra você se ele é homem, se é mulher, se é homo ou se é trans. Você como profissional tem cuidar dele, independente de sua orientação sexual. (Depoente 1)*

*Com todo o respeito, privacidade se ele quiser. (Depoente 13)*

Apesar dos alunos se basearem no código de ética para cuidar do paciente transexual, eles não irão conseguir dar uma assistência de qualidade a essa clientela, considerando-se as especificidades. O próprio Código de Ética enfatiza que se deve avaliar criteriosamente sua competência técnica, científica, ética e legal e somente aceitar encargos ou atribuições, quando capaz de desempenho seguro para si e para outrem<sup>18</sup>.

Toda pessoa tem o direito de ser protegida pela sociedade em todos os seus direitos econômicos, sociais, culturais<sup>19</sup>.

Segundo a Carta dos direitos dos Usuários do Sistema Único de Saúde, todo cidadão tem direito ao atendimento humanizado e livre de qualquer tipo de discriminação, tendo que ser respeitado seus valores e seus direitos, fazendo o seu atendimento de forma integral<sup>20</sup>.

Considerando que a divisão técnica e social do trabalho em saúde também está presente na equipe de enfermagem, que é composta por diferentes categorias de trabalhadores, com diferentes níveis de formação-enfermeiro, técnico de enfermagem e auxiliar de enfermagem. Torna-se imperativo que a enfermeira desenvolva estratégias de envolvimento desse grupo, com vistas à sua capacitação para cuidar em enfermagem, conforme as necessidades específicas dessa clientela<sup>17</sup>. Nesse sentido, os graduandos devem ser instrumentalizados a cuidar de clientes transexuais visando também a qualidade no cuidado prestado por sua equipe, os depoentes reforçam a importância da capacitação e conscientização da equipe de enfermagem.

*Treinar e selecionar o profissional que é melhor para trabalhar com cada paciente, levando em consideração tudo. Explicar o que é transexualismo. (Depoente 15)*

*Eu, chamaria um por um da minha equipe e conversaria sobre a situação, deixando eles bem a vontade quanto a posição deles sobre o assunto. ... a partir daí daria treinamento para ele (Depoente 17)*

## CONCLUSÃO

Com este estudo percebemos com isso o seu desconhecimento no que diz respeito ao cliente transexual, desde sua definição até o cuidado a ser prestado a esse cliente sendo que, para o cuidado verificamos que muitos dos graduandos se respaldam somente no código de ética e quanto à equipe de enfermagem traçam a importância de oferecer capacitação e educação.

Ao final de cada grupo focal percebeu-se o enorme interesse dos alunos pelo conhecimento

dessa temática, a reflexão deles sobre como existem temas emergentes que não são discutidos, e a importância que eles têm em nossas vidas, não só profissional como na vida pessoal, contribuindo na construção de cidadãos autônomos, através da reflexão de questões morais e éticas.

Vimos que a estratégia utilizada, de dinâmica antes da exposição sobre a temática, foi positiva considerando o interesse demonstrado pelos sujeitos na busca de respostas, de novas reflexões e posicionamentos sobre a temática. Colocamos dúvidas para os alunos no momento que falávamos sobre as temáticas pouco conhecidas e plantávamos neles a vontade de querer saber mais. Então logo após cada grupo focal fizemos uma aula sobre transexualidade e como cuidar desse paciente.

O desafio é tentar compreender as áreas de conhecimento que se articulam para que solidifique esses conhecimentos e para que façamos com que as pessoas reflitam sobre essas temáticas emergentes. A universidade tem papel fundamental na abertura de espaços de reflexão de temas emergentes da atualidade e isso deve ser objeto de discussão durante a elaboração dos currículos. O estudo evidenciou a necessidade da inclusão dessa temática na grade curricular dos alunos que possivelmente irão cuidar do cliente transexual nas diversas áreas de atenção à saúde, além de suscitar a necessidade de reformulação contínua dos currículos para que possam atender as demandas das políticas públicas emergentes.

## REFERÊNCIAS

1. Vieira TR. Mudança de sexo: aspectos médicos, psicológicos e jurídicos. 1ªed. São Paulo: Santos; 1996.
2. Brasil Ministério da Saúde. Portaria nº 1.707, de 18 de agosto de 2008. Institui, no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), o Processo
3. Hojda MJS. Mudança de sexo: causas e consequências, intersexualidade e transexualidade. Rev Brasileira de Medicina, 1985;42:18.
4. Bento BAM. O que é transexualidade? São Paulo: Brasiliense; 2008. p.20.
5. Siqueira AM. Direito e transexualidade. A perspectiva jurídica do conceito. Jus Navigandi: Teresina; 2009; ano 13, n. 2171, 11 jun 2009.
6. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução nº 1.482, de 19 de setembro de 1997. Autoriza, a título experimental, a realização de cirurgia de transgenitalização do tipo neocolpovulvoplastia, neofaloplastia e ou procedimentos complementares sobre gônadas e caracteres sexuais secundários como tratamento dos casos de transexualismo. Diário Oficial da União. 19 set 1997.
7. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução CFM nº 1.652, de 06 de novembro de 2002. Dispõe sobre a cirurgia de Transgenitalismo e Revoga a Resolução CFM nº 1.482/97. Brasília-DF. 6 nov 2002.
8. Couto ES. Transexualidade: o corpo em mutação. Salvador: Grupo Gay da Bahia; 1999.
9. Aran MA. Transexualidade e a gramática normativa do sistema sexo-gênero. Rio de Janeiro: Ágora;2006;19:49-63.
10. Vargas AT, Costa CMA, Oliveira MS. O discurso como evidência da assistência prestada a sujeitos do processo de adequação sexual. XXII Seminário de pesquisa da residência de enfermagem Rev ano 10, 2011;11-23.
11. Costa CMA, Silva MJ, Pinto IS. A contribuição da enfermeira no alcance dos objetivos da portaria ministerial que trata do processo

- transexualizador: relato de experiência. Anais do 4º Simpósio nacional - ENFCUIDAR - o cuidar em saúde e enfermagem; 2009; Rio de Janeiro.
12. Minayo CS. O desafio do conhecimento - pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec; 2007.
  13. Brasil. Ministério da Saúde. Resolução no. 196/96. Diretrizes em normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília- DF, 1996.
  14. Tanaka OY. Avaliação de Programas de Saúde do Adolescente - um modo de fazer. São Paulo: Edusp, 2001.
  15. Bardim L. Análise de conteúdo. Lisboa: Ed. 70; 1995.
  16. Brasil. Portaria N° 457, DE 19 de agosto de 2008. Disponível em: <http://cnes.datasus.gov.br/Portarias%5CPORTARIA%20N%C2%B0%20457%20de%2019%20de%20Agosto%20de%202008.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2011
  17. Guimarães AR, Jr Costa CMA, Oliveira MS. Acolhimento em uma unidade de Atenção especializada no processo transexualizador: a demanda de transformação multidimensional na assistência do enfermeiro. Congresso Brasileiro de Bioética; 2009; Búzios, Rio de Janeiro.
  18. Conselho Federal de Enfermagem. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem. Goiânia: AB Editora; 2007.
  19. Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948.
  20. Brasil. Ministério da Saúde. Carta dos direitos dos usuários da saúde / Ministério da Saúde. 2ª ed. Brasília: Ministério da Saúde; 2007.

Recebido em: 05/01/2012

Aprovado em: 15/05/2012